

PERFORMANCES LITERÁRIAS-POÉTICAS DE MULHERES SURDAS: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE TEMÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SURDA

REPRESENTACIONES LITERARIO-POÉTICAS DE MUJERES SORDAS: UN ESTUDIO
DOCUMENTAL SOBRE TEMAS Y REPRESENTACIONES DE LA VIOLENCIA SUFRIDA POR
LAS MUJERES SORDAS

LITERARY-POETIC PERFORMANCES BY DEAF WOMEN: A DOCUMENTARY STUDY ON
THEMES AND REPRESENTATIONS OF VIOLENCE SUFFERED BY DEAF WOMEN

Neiva de Aquino Albres*

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Neste estudo propõe-se uma análise do contexto da política linguística para pessoas surdas e a produção de poetisas surdas sobre a opressão e violência sofrida pelas mulheres, refletindo sobre as ações linguísticas institucionais e as práticas cotidianas de violência e discriminação. Tem-se o objetivo de investigar como os signos poéticos foram introduzidos nessas textualidades como estratégia de produção de sentido (como mediadores do mundo). Pautadas na perspectiva dialógica do discurso de Bakhtin e do círculo (2006, 2008). Para tanto, foram selecionadas três entrevistas com poetisas surdas da revista “Diálogos em Libras” (UFSC) no intuito de descrevê-las, analisá-las e compará-las. Constata-se que, apesar da política no Brasil garantir o acesso às informações em Libras e igualdade de gênero, isso não ocorre de fato. Os resultados demonstraram a inserção de estéticas, imagens, gêneros discursos coesos com o contexto social mediando a configuração da vida das mulheres surdas.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Tradução. Política linguística. Discurso. Dialogismo.

RESUMEN: El presente estudio busca analizar el contexto de la política lingüística para personas sordas y la producción de poetisas sordas sobre la opresión y la violencia sufrida por las mujeres, reflexionando sobre las acciones lingüísticas institucionales y las prácticas cotidianas de violencia y discriminación. Con el objetivo de investigar cómo los signos poéticos se introdujeron en estas

* Doutora em Educação Especial – UFSCAR. Mestre em Educação – UFMS. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET. Núcleo de pesquisa em interpretação e tradução de línguas orais e línguas vocais – Intertrads. Observatório da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais – Otradilis. Curso Letras Libras. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

textualidades como estratégia de produção de sentido (como mediadores del mundo). Basándonos en la perspectiva dialógica del discurso de Bajtín y el Círculo (2006, 2008). Con este fin, seleccionamos tres entrevistas a poetisas sordas de la revista "Diálogos em Libras" (UFSC) para describirlas, analizarlas y compararlas. Encontramos que, aunque las políticas en Brasil garantizan el acceso a la información en Libras y la igualdad de género, no es así. Los resultados mostraron la inserción de estéticas, imágenes, géneros y discursos coherentes con el contexto social mediando la configuración de la vida de las personas sordas.

PALABRAS CLAVE: Libras. Traducción. Política lingüística. Discurso. Dialogismo.

ABSTRACT: This study proposes an analysis of the context of language policy for deaf people and the production of deaf poets on the oppression and violence suffered by women, reflecting on institutional linguistic actions and everyday practices of violence and discrimination. With the intention of investigating how poetic signs were introduced into these textualities as a strategy for producing meaning (as mediators of the world). Based on Bakhtin and the circle's (2006, 2008) dialogical perspective of discourse. To this end, we selected three interviews with deaf women poets from the magazine "Diálogos em Libras" [Dialogs in Brazilian Sign Language] (UFSC) in order to describe, analyze and compare them. We verified that, although policies in Brazil guarantee access to information in Libras and gender equality. The results showed the insertion of aesthetics, images, genres and discourses in line with the social context mediating the configuration of the lives of deaf people.

KEYWORDS: Libras. Translation. Language policy. Discourse. Dialogism.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos da mulher e de gênero¹ são relativamente novos no âmbito da literatura e tradução. Esses estudos surgem a partir dos movimentos de desconstrução de antigos valores da sociedade patriarcal e procuram, na escrita/produção artística de autoria feminina e sua tradução para outras línguas e culturas, a investigação do feminino e do gênero a partir do olhar da mulher (Hutcheon, 1991; Arrojo, 1995).

“Dentro de um amplo espectro de interesses de investigação ligados à produção literária de autoria feminina, destaca-se o trabalho desenvolvido no campo que, de modo muito sumário, tem recebido a denominação de “resgate de escritoras” (Schmidt, 2022, p. 43). Nesse sentido, as questões que se colocam são: Quem são as pioneiras poetisas surdas a produzir literatura em Libras com a temática feminista no Brasil? Quais as características linguístico-discursivas dessas obras?

Percorrendo essa linha, traçamos como objetivo promover o debate sobre as produções de literatura surda feminina e as representações da mulher nessa literatura e registrar as reivindicações e problemas sociais que reverberam nessas poesias no Brasil.

Sutton-Spence (2021, p. 141) desenvolveu um levantamento de produções no âmbito da literatura em Libras e constatou o baixo número de mulheres surdas como autoras:

O site de Culturasurda.net, uma das maiores coleções brasileiras online de poemas em línguas de sinais, com 78 poemas. Destes poemas, 62% são apresentados por homens e 35% por mulheres (mais 4% são apresentados pelos dois gêneros). A pesquisa de doutorado de Peixoto (2016) apresenta um corpus de poesia em Libras em que 16 dos 70 poemas foram interpretados por mulheres (23%). Na coleção de poemas que formou a base da antologia de poesia em BSL (Língua de sinais britânica), cinco homens têm sua própria playlist em comparação com três mulheres. Os homens também têm mais exemplos de poesia postados. Dos 100 poemas no canal, 65% foram feitos pelos homens e 35% foram feitos por mulheres. Há uma proporção de dois homens para uma mulher.

Quando adentra à pesquisa de antologias no Brasil, Sutton-Spence (2021, p. 147) constata que “as mulheres surdas brasileiras sempre estiveram presentes nos textos escritos de literatura surda e têm ainda uma maior presença nas áreas de autobiografia e literatura infantil e juvenil”. No entanto, em âmbito geral, elas ainda aparecem sempre em menor número.

¹ *Mulheres e de gênero* compreendem pessoas homoafetivas e de outros gêneros. Contudo, este artigo focará apenas nas produções de mulheres pela limitação de espaço e pela especificidade da temática do dossiê.

Justifica-se esse tipo de trabalho pelas pesquisas sobre Literatura e gênero, tendo gênero como uma construção social, pela importância de se resgatar e dar visibilidade às escritoras/artistas mulheres - visto que essas são socialmente e literalmente invisibilizadas, geralmente, mantidas à margem dos cânones literários - possibilitando a divulgação das autoras e a análise de suas obras. Conhecer a história e as obras de poetisas surdas configura-se também como um mecanismo político de resistência, de subverter opressões de matriz colonial moderna.

Apesar disso, reconhecemos que o objeto desse estudo possui recorte limitado metodologicamente, pois não se pretende estudar toda a produção artística-cultural em Libras, e sim, as poetisas surdas entrevistadas no projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina que produz a “Revista Diálogos sobre Literatura em Libras”, que abarcam os temas de interesse delimitados neste estudo e cabíveis nas análises que se pretende realizar com base em uma análise do discurso social (Acosta-Pereira, 2016). Para tanto, apresentamos a seguir uma revisão de estudos sobre o tema; seguido da metodologia empregada nesta pesquisa; passando para a análise das autoras surdas; chegando, por fim, às contribuições do nosso estudo.

2 LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS POR MULHERES SURDAS

Para iniciar essa breve revisão de literatura, se faz fundamental apresentar o marco histórico da literatura e gênero em obras literárias produzidas por mulheres surdas em língua de sinais. Assim como o papel dos movimentos sociais, do acesso à educação e das práticas culturais e artísticas na redefinição do lugar das mulheres surdas na literatura no Brasil.

Sutton-Spence (2005) uma das pesquisadoras pioneiras em literatura produzida por pessoas surdas, apresenta em seu estudo o nome de Dorothy Miles (1934-1993) como referência internacional. Uma mulher surda, atriz, poeta em inglês, poeta em língua americana de sinais e língua de sinais britânica (*American Sign Language - ASL* e *British Sign Language - BSL*), professora de língua de sinais e linguista. A autora considera que Dorothy foi a primeira pessoa a criar poesia surda em ASL propriamente dita, pois não se configurava como uma tradução dos poemas da língua inglesa.

Sutton-Spence (2021) aponta um documentário “The Heart of the Hydrogen Jukebox” como um importante registro da história de poesia em ASL publicado no canal do *National Technical Institute for the Deaf at Rochester Institute of Technology*. A partir do material audiovisual é possível acessar e apreender obras de dois importantes nomes na literatura feminina na história: Dorothy Miles (Imagem 1) e Ella Mae (Imagem 2).



The Heart of the Hydrogen Jukebox

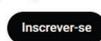


Imagem 1: Dorothy Miles

Fonte: The heart of the Hydrogen Jukebox (2016)

No Brasil, Fernanda Machado, pesquisadora e poetisa surda, em entrevista, menciona Ella Mae Lentz como uma de suas inspirações para seguir essa carreira na literatura em língua de sinais (Albres, 2021). A artista norte-americana também é apresentada no documentário, veja figura 2.



Imagem 2: Ella Mae Lentz

Fonte: The heart of the Hydrogen Jukebox (2016)

No Brasil, Fernanda Machado é reconhecidamente pioneira surda no campo de poesia em Libras e como pesquisadora e formadora de novos poetas, formadora de professores e tradutores-intérpretes de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É atriz da série *Crisalidada* e outros filmes. Trabalha na curadoria e conservação de poesia em Libras (UFSC, 2024). Sua tese de doutorado abordou a criação da primeira antologia de poesia em Libras. Nessa antologia se têm preservada também obras de autoria feminina e surda que têm características específicas.

A literatura feminina é caracterizada por histórias em que [a] protagonista é feminina e a maioria [das] personagens é feminina, incluindo a família e os amigos. Geralmente se concentram numa protagonista mulher que enfrenta uma situação difícil que afeta a vida das mulheres, como por exemplo: um conflito pessoal, um problema familiar, ser mãe, a vida amorosa, os problemas de amizade ou conflitos entre trabalho e vida pessoal. Dado isso, a literatura surda feminina pode oferecer uma descrição alternativa da realidade do mundo das mulheres surdas (Sutton-Spence, 2021, p. 90).

Nesse sentido, muitos temas abordam o amor, a maternidade e a fraternidade. Lealdade e gratidão também se destacam como temas que revelam princípios pelos quais muitas mulheres se constituem. Os temas de literatura retratam as vivências e experiências de suas autoras. Nesse sentido, o feminismo é essencialmente objeto de criação literária.

Ao reivindicar para si e para todas as mulheres o amparo existencial e político que lhes concede o feminismo, ela recorda a seus ouvintes que vivemos num mundo em que desigualdades entre homens e mulheres persistem e que ser feminista é lutar contra tais desigualdades, em todos os âmbitos de nossas vidas (Schmidt, 2022, p. 41)

Um espaço de produção literária não-canônica, por exemplo, ocorre nos Slams. Espaço aberto ao feminismo também. Slam é uma batalha de poesia e rimas que existe desde os anos 1980 e tem crescido cada vez mais no mundo e no Brasil. O Slam tem batalhas locais, nacionais e mundiais, com eventos no qual se escolhe o melhor poema. No Brasil, os poemas em Slams acontecem, principalmente, entre os jovens periféricos, e trazem consigo um forte teor auto afirmativo, identitário e de ocupação de espaços públicos (Dantas, 2019):

Ele retoma o aspecto público da poesia, a tira de um lugar elitizado, porque se a gente pensar no contexto de Brasil, sempre esteve muito associada às elites e às universidades e dissociada das camadas populares. O Slam vem com esse poder de retomar o aspecto público: você tem uma ágora, a cidade discutindo, pessoas que têm os mais diversos contextos e origens colocando suas pautas, reivindicando o lugar da mulher, do negro, as pautas LGBTQI. É um movimento que, além de ser na sua forma revolucionário, porque retoma o aspecto coletivo, também é muito revolucionário nos seus temas, porque está pautando questões que foram silenciadas, apagadas da história durante muito tempo (Romão, 2019, p. 1).

Mas por que tratar de Slam? Porque consideramos que com o início da participação de mulheres surdas em Slams que poesias com temas menos romantizados emergem. No contexto social do Slam se enfatiza o poder revolucionário das reivindicações por grupos minoritários e excluídos da elite social, grupos silenciados historicamente, como as mulheres oprimidas, violentadas ou discriminadas.

O Slam em Libras, ou Slam do corpo foi criado por iniciativa do grupo “Corpo Sinalizante”, “Sarau do Burro”, como também Zap! Slam. Esse evento tem acontecido periodicamente, cada vez mais com recursos de projetos educativos e artísticos governamentais. A primeira edição data de 2014, em São Paulo, denominado de “1º Slam de surdos e ouvintes do Brasil” (Esquina Cultural, 2014). O evento foi precedido por oficinas de criação poética.

O Slam, principalmente, o produzido em Libras e português configura-se como “literatura rizomática de resistência que produz visibilidade, acolhe as diferenças sem significar, percorrendo um caminho traçado por linhas de fuga, onde corpos se cruzam, se conectam e se transformam em liberdade de uma nova criação, uma re-existência” (Desiderio; Jardim, 2021, p. 132). Mulheres surdas, poetisas, artistas, ativistas passam a figurar nessas competições.

Passa a acontecer Slams por categorias, como o “Slam das minas”² em que se tem mulheres das comunidades surdas engajadas na participação e interpretação das lives, principalmente, quando do início da pandemia, em que os eventos eram transmitidos e requeriam acessibilidade comunicacional. Ter acesso a esse tipo de literatura incentivou cada vez mais as mulheres surdas a sonhar, a criar e a transgredir os limites que lhe são impostos pela palavra vertida em sinais. Gabriela Grigolom Silva, surda e poetisa, participou do “Slam das minas” transmitido ao vivo em 6 de junho de 2020, e, em 2018, do 8º Slam Contrataque - Resistência Feminista, por exemplo. Nesse sentido, as reivindicações das mulheres surdas transpassam as comunidades surdas e podem ser escutadas pelas comunidades ouvintes.

As redes sociais, o desenvolvimento da tecnologia, acesso e disponibilização de produções em sites tem contribuído também com essa visibilidade. A Poesia Sinalizada de Resistência Surda, Negra e Feminista de Gabriela Grigolom Silva, interpretada por Jonatas Medeiros, por exemplo, teve mais de 102 mil visualizações (Oitavo Slam Contrataque, 2018) “a poesia, entre metáforas e casos concretos, ela expõe as dificuldades para se comunicar com o excludente mundo oralizado” (Urânia, 2018, paginação irregular). Esse fato indica o potencial da literatura feminista para a visibilidade dos temas de mulheres surdas.

² “Slam das minas” transmitido ao vivo em 6 de jun. de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=9c9sE4FBanc> intérpretes Erika mota e Thalita Passos.



Imagem 3: Gabriela Grigolom Silva

Fonte: Oitavo Slam Contrataque (2018)

Mais recentemente, temos presenciado um número maior de programas voltados para as mulheres surdas, espaços para conversa sobre os desafios sociais que mulheres surdas enfrentam e pesquisas que compartilham dados e problematizações sobre o fenômeno social do capacitismo materno de surdas como também do preconceito linguístico (Araujo; Stumpf; Pinheiro, 2023). Dentre eles, Araujo, Stumpf e Pinheiro (2023) citam o Programa de Extensão Tradutores e intérpretes de línguas de sinais na esfera jurídica (TILSJUR), desenvolvido na UFSC, sob a coordenação da professora e doutora Silvana Aguiar dos Santos: “No Brasil, os movimentos das mulheres surdas, ainda que escassos, exercem um papel fundamental na produção e difusão de informações, em Libras, sobre os direitos das mulheres e os direitos humanos” (Araujo, Stumpf, Pinheiro, 2023, p. 172).

Apresentada essa breve contextualização sobre a literatura em língua de sinais por mulheres surdas, registramos a seguir a metodologia da pesquisa.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Relacionado ao tipo de pesquisa, este trabalho apresenta-se como uma pesquisa de **abordagem qualitativa**, uma vez que nossa preocupação está na compreensão de um grupo social (Lüdke; André, 1986). Construímos uma **pesquisa aplicada**, pois tanto outros pesquisadores, professores ou artistas de língua de sinais podem utilizar do conhecimento produzido nesta pesquisa. Quanto ao objetivo, traçamos uma **pesquisa descritiva**, pois objetiva-se descrever as características de uma população e é uma classificação quanto as produções literárias de poetisas surdas.

Referente ao procedimento, adotamos, principalmente a **pesquisa documental**. A pesquisa descritiva é elaborada a partir de documentos, levantamentos e abordagens de campo. Adotamos, então, a **observação participante**, o levantamento de dados históricos; e a análise de documentos.

A observação participante consiste na imersão do pesquisador no tema, no contexto e vivência com os sujeitos que de certa forma servem como fontes de informações para a construção da pesquisa. “Em certo sentido, toda pesquisa social é uma forma de observação participante, porque não é possível estudar o mundo social sem ser parte dele” (Atkinson; Hammersley, 1994, p. 249). Pois, não consiste em aplicação ou intervenção na comunidade, apenas no contato social que o pesquisador tem com o fenômeno. A seguir apresentamos os documentos selecionados para o estudo.

3.1 DOCUMENTOS SELECIONADOS

Para a composição dos documentos a serem analisados como registros históricos da atuação de poetisas surdas, selecionamos a revista “Diálogos em Libras”, do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) pertencente à Universidade Federal de Santa Catarina e coordenada pelas pesquisadoras professoras Rachel Sutton-Spence, Fernanda Machado (surda) e Marilyn Mafra Klamt. Essa revista, por ser publicada como um material audiovisual e em formato de entrevista, faz parte da grade de programação da TV UFSC (transmitida pelo canal 63.1 na TV aberta, canal 15 da Claro TV e na internet). “O projeto traz entrevistas com artistas de Libras e discussões críticas sobre a literatura surda” (TVUFSC, 2024).

Na Internet há uma infinidade de materiais com entrevistas, lives, poesias, Slams, entre outros materiais de ou sobre mulheres surdas. Como critério de seleção, optamos por um recorte que representasse poetisas surdas reconhecidas pelas comunidades surdas, materiais de qualidade e validados por uma Universidade pública, além de serem coordenados por três pesquisadoras doutoras estudiosas da área de Literatura em Libras. Dessa forma, chegamos as entrevistas com as poetisas Cristiane Esteves, Priscilla Leonor e Renata Freitas.



Quadro 1: Entrevistas de poetisas surdas selecionadas

Fonte: Produzida pela autora a partir do site TVUFSC

4 ANÁLISE DOCUMENTAL EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Buscamos, assim, seguindo os princípios da análise sociológica da língua (Acosta-Pereira, 2016) descrever, analisar e interpretar os discursos materializados nas entrevistas sobre a literatura, que exprimem sentimentos, sensações e percepções das poetisas surdas, representantes das mulheres das comunidades surdas.

No campo dos estudos da linguagem e fundamentada em uma perspectiva dialógica da linguagem é preciso considerar a organização da sociedade, o intercâmbio enunciativo social, a interação social, os enunciados que compõem os discursos e as formas de expressão que configuram esses enunciados, assim como apresentado na Imagem 4.

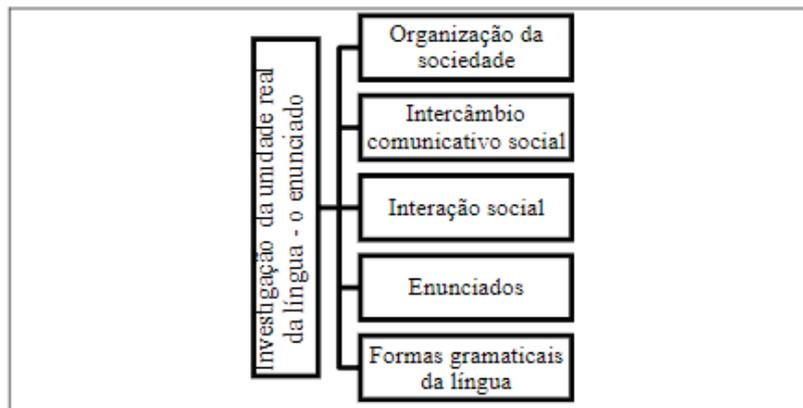


Imagem 4: Esquema proposto por Volochinov (1993, p. 247)

Fonte: Acosta-Pereira (2016, p. 09)

Para tanto, pretendemos seguir os seguintes critérios de análise:

- a) Contextualização da organização da sociedade que reflete na poesia das autoras;
- b) Contexto do discurso e interação social da entrevista;
- c) Apresentar as poetisas, descrever a biografia de cada artista surda;
- d) Seleção de enunciados (excertos) das entrevistas para discussão e análise dialógica a respeito da composição verbo-visual da obra, procurando identificar os conflitos vividos por mulheres nas comunidades surdas;

Do mesmo modo, como Sobral e Giacomelli (2016) indicam, percorreremos o caminho da descrição, análise e interpretação para apresentar ao leitor nossas contribuições sobre essa temática.

5 DISCURSOS, DIALOGISMO E POESIA

Para situar os discursos, apresentamos de forma sintética a organização da sociedade atual, atendendo ao critério 'a) Contextualização da organização da sociedade que reflete na poesia das autoras'. Vivemos no século XXI, presenciamos grandes diferenças sociais, em contrapartida vemos os direitos das mulheres ganhando força.

Nos sucessivos mandatos do Partido dos Trabalhadores, durante os quais políticas públicas se concentraram em programas de renda universal a famílias chefiadas por mulheres e promoveram os direitos das pessoas de baixa renda, por meio de programas como o Bolsa Família, extinto de forma polêmica em 2021. No campo legislativo, a lei mais emblemática relativa à violência contra a mulher é a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que, sancionada durante a presidência de Lula da Silva, continua sendo o principal instrumento empregado no combate à violência doméstica. Em 2015, durante o governo de Dilma Rousseff, foi aprovada a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/2015), que modificou o Código Penal Brasileiro e introduziu o feminicídio no rol dos crimes hediondos e também como circunstância agravante do crime de homicídio. A Lei contra o Assédio Sexual e outros crimes conexos (Lei 13.718/18) foi aprovada em 2018 (Fonseca et al., 2022, p.3).

Apesar de todas as conquistas legais, muitas mulheres sofrem assédio moral, sexual, violação de direitos no campo da saúde, violência física e psicológica. Nas comunidades surdas, as mulheres surdas sofrem também violência linguística e discriminação.

Referente ao critério 'b) Contexto do discurso e interação social da entrevista', os discursos analisados são provenientes de uma interação social de gênero entrevista entre duas pesquisadoras e uma poetisa por vez. Por definição técnica, a entrevista, "é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação" (Medina, 1990, p. 8). As entrevistas foram realizadas no ano de 2022 a fim de conhecer as poetisas surdas e divulgar as suas obras, inspirações, técnicas e objetivos.

Nesse sentido, o contexto em que os enunciados foram proferidos fazem total diferença para a construção de sentidos dos discursos.

Tudo o que tenha a ver comigo me é dado em um tom emocional-volitivo, porque tudo é dado a mim como um momento constituinte do evento do qual eu estou participando. Se eu penso em um objeto, eu entro numa relação com ele que tem o caráter de um evento em processo. Em sua correlação comigo, um objeto é inseparável de sua função no processo (Bakhtin, 2003, p. 51).

Para a construção desta pesquisa, um passo importante é “analisar as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro)”; por último, “interpretar que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo” (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1092-3).

A temática das entrevistas é sobre a produção artística das poetisas surdas e a sua relação com o feminismo. É importante apresentar ao leitor o sinal em Libras de Feminismo em que se bate no biceps duas vezes (imagem 5) e sua motivação (imagem 4). Esse sinal tem a sua motivação no cartaz *We Can Do It!* (em português, 'Nós podemos fazer isso!'). Essa propaganda foi criada por J. Howard Miller em 1943, para a empresa Westinghouse, a fim de incentivar os trabalhadores e trabalhadoras, durante o esforço de guerra dos Estados Unidos: “O cartaz é baseado em uma fotografia em preto e branco tirada de uma operária que então trabalhava na Base Aeronaval de Alameda, na Califórnia” (Paula, 2019, paginação irregular).



Imagem 5: Cartaz símbolo do feminismo
Fonte: ARTREF (2019)



Imagem 6: Sinal de Feminismo
Fonte: Machado (2023a)

Após este preâmbulo, adentramos, nesse momento, propriamente à análise. Agrupamos os critérios c e d, ou seja, a apresentação das poetisas surdas seguida da análise do discurso, a partir da seleção de enunciados das entrevistas, seguindo a ordem da revista. A discussão e análise relacionam-se dialogicamente com as poesias que elas produziram e comentam em suas entrevistas, relacionando-se também com os conflitos vividos por mulheres nas comunidades surdas.

5.1 CRISTIANE ESTEVES

Cristiane Esteves nasceu surda. Ela é formada em Letras Libras (2006-2010) pela UFSC, polo USP e formada em Tradução e Interpretação Libras português pelo Instituto Singularidades (2022). Conta que participou do Festival do folclore surdo em 2014 e nessa oficina aprendeu mais técnicas para criar suas próprias poesias. Em 2016, inicia a produção efetivamente. Cristiane Esteves é professora de Libras em escolas bilíngues municipais para surdos de São Paulo e tem contato com crianças e jovens surdos diariamente. Enfatiza, em seu depoimento (entrevista), a importância do protagonismo das docentes na interrupção do ciclo da violência que algumas crianças surdas sofrem.



Imagem 7: Print da entrevista com Cristiane Esteves (produzindo o sinal feminismo)

Fonte: Entrevista de Machado (2023a)

Em entrevista, responde ainda que teve como referência a Fernanda Machado (surda) como poetisa e a Ligia Neves (surda) como feminista. Cada poetisa surda a influenciou com aspectos distintos, Fernanda Machado com aspectos técnicos e Ligia Neves com os aspectos da temática e de enfrentamento das desigualdades e empoderamento das mulheres. Uma das perguntas realizadas para Cristiane está a seguir transcrita:

Fernanda Machado: *Você já criou várias poesias. Qual te marcou mais? Te impactou mais?*

Cristiane Esteves: *De todas as minhas poesias. Mas nesse momento em que no Brasil se evidencia mais os casos de pedofilia, bullying, discriminação às mulheres, eu escolho um poema que tem em sua composição o Visual Vernacular (VV). A metáfora da flor com as pétalas sendo arrancadas. Eu o criei inspirada na minha angústia interna pelo que via acontecer. A partir dessas informações eu criei esse poema.*

Elisa Vasco: *Esse poema é muito forte, impactante. Mas, a mensagem do poema é muito importante se ser divulgada na sociedade.*

(Entrevista - Tempo 8'20")

Cristiane Esteves descreve que com a sua experiência como educadora (professora de Libras) em escolas bilíngues de surdos tem contato com diferentes relatos das crianças e sempre fica muito preocupada em alertá-las sobre o perigo do abuso na infância. “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]” (Brait, 2006, p. 29). No discurso de Cristiane está imbrincado o seu fazer docente, seu ato ético e responsivo como professora de crianças surdas e seu perfil poético. Aliando as duas experiências cria algumas de suas produções também para serem usadas em sala de aula. No decorrer da entrevista ela é questionada:

Fernanda Machado: *Quais foram os seus desafios para criar o poema na temática de feminismo surdo?*

Cristiane Esteves: *O meu primeiro poema foi o Descoberta. Aquele que retrata as mulheres na fábrica em que se abre o livro. Esse foi o meu primeiro de feminismo e depois vieram os outros. Esse foi um poema encomendado, a partir de um pedido de poema feminista eu fui pesquisar, estudar a história do dia 8 de março e o que ele significa. O movimento histórico, o feminismo das mulheres desde o século passado. O feminismo não algo novo.*

(Entrevista – Tempo de início 14'30")

A poesia “Descoberta” trata da sua própria descoberta sobre a história, sobre o “Dia das Mulheres”. Um fato trágico em que trabalhadoras foram queimadas em uma fábrica. A poesia provoca a reflexão que mulheres são trabalhadoras, são livres e independentes e tem os mesmos direitos que os homens. Cristiane Esteves apresenta uma importante parte da produção artística, ou

seja, a pesquisa e estudos sobre a temática relacionada a sua vivência, às suas descobertas como poetisa. Então, passa a produzir cada vez mais poesias de teor feminista. Concordamos que “a potência de resistir contra os mecanismos de controle de forças normalizadoras transforma a vida e abre novas possibilidades de reconhecimento da diferença linguística e cultural do povo surdo” (Desiderio; Jardim, 2021, p. 142), principalmente, das mulheres surdas que têm uma pauta específica.

Apesar de Cristiane mencionar outras poesias na entrevista, a equipe da revista selecionou duas poesias feministas para serem apresentadas na íntegra no vídeo. Esse tema é abordado no poema “Valorize-se” (Imagem 7) e “Eu também não me calo” (Imagem 8), apresentado na entrevista.



Com a poesia “Valorize-se” a intenção é empoderar as mulheres, provocar a reflexão sobre os direitos iguais para o lazer, apontar as pressões sociais e contribuir com o “libertar-se” da mulher. Têm se dedicado a recriar esteticamente os efeitos sobre as personagens mulheres relacionando à ascensão de discursos ligados à superação, força, independência que põem em risco as diferenças sociais historicamente construídas, especialmente, pelo viés da dupla discriminação, mulher e surda. Além de criar um efeito estético pela escolha de mesma configuração de mão que se assemelha ao gesto de “positivo” para muitos sinais na poesia.

Em “Eu também não me calo”, partindo da convicção de que as práticas violentas colocaram, e ainda colocam, as mulheres surdas em posição subalterna a fim de afirmar e reafirmar o poder masculino que, normalmente, faz uso da poética da força física figurado como um animal feroz, especialmente no caso em que Cristiane Esteves cita a provocação com a mesma configuração do sinal de Feminismo. Há uma forte metáfora de duelo entre uma mulher e um animal que a quer dominar e comer. Ao final a mulher responde “*batendo no próprio bíceps e o chamando para o enfrentamento*” (Imagem 8). Sobre o sentido do “novo” sinal Fernanda questiona a intenção discursiva de Cristiane.

Fernanda: *Eu fiquei curiosa pela escolha desse sinal aqui (faz o sinal de bater no bíceps). Por que você escolheu esse sinal? Qual é o contexto da história de “duelo” e no final esse sinal aparece. Conta pra gente por que você escolheu esse sinal? Porque raramente se usa ele, e as pessoas não sabem bem o seu sentido. Você pode nos explicar?*



Imagem 10: Sinal de bater no bíceps
Fonte: Entrevista de Machado (2023a)

Cristiane: *Sim, aconteceu das pessoas não conhecerem esse sinal. Eu estava ministrando um curso junto com outra professora, ouvinte e intérprete de Libras. Ela era responsável, então, pela interpretação e eu pela Libras. Ela deu esse poema de exercício para os alunos ouvintes que estavam se formando como intérpretes, alguns deles mesmo já sendo intérpretes também me perguntaram o significado do sinal. Para mim foi uma surpresa eles não saberem o sinal. Isso porque na*

comunidade surda, eu conheço alguns surdos da época da escola Ellen Keller, em que tinha um grupo de homens surdos machistas, esse é o sinal de machismo (faz o sinal). Então, naquela época, esse grupo, eles agiam dessa forma faziam esse sinal de bater no próprio bíceps, significando que não tinham medo de brigar, chamavam os outros para enfrentá-los, diziam que podiam ofendê-los e chamavam para a briga. Nesse sentido, eu empreguei o sinal de “bater no próprio bíceps”, invertendo a situação, eu como mulher incorporando o discurso de ser uma mulher que não tem medo, que pode vir o que vier, que podem me ofender que isso não me atinge, mostrando estar segura de si. Então, “bater no próprio bíceps e chamar para si”, ao sinalizar isso eu provooco os homens machistas, mostro que sou uma mulher forte que não tenho medo de homem. (Entrevista – Tempo de início 23’08”)

Sua produção também explora os efeitos de edição de vídeo, por exemplo, em “Valorize-se”, chacoalha o mundo que vivemos com as mãos e com o efeito do vídeo, utiliza na edição o zoom além de trocar a cor da camiseta. Declara na entrevista que “A camiseta preta em parte da poesia significa que a luta não acabou, que ainda temos muito o que fazer pela frente” (Cristiane Esteves, 21’04”). Em “Eu também não me calo” explora efeitos de edição como zoom, tons da tela. A roupa de Cristiane com a camiseta amarela, um colete jeans e o lenço vermelho no pescoço remete à figura da mulher feminista. Dessa forma, cria uma produção multissemiótica³.

Cristiane Esteves constrói uma sofisticada reflexão sobre relações de trabalho, exploração, capitalismo, desigualdade entre homens e mulheres. Produzir um poema em Libras sobre o tema “Ser mulher surda” é um ato político, e produzir uma crítica feminista de denúncia, enfrentamento e desejo de superação das diferenças é essencial para uma transformação social pela literatura. As obras de Cristiane refletem os embates vividos, sejam eles em nível familiar, social ou político. Concordamos, a sua poesia é a “sua posição de mulher nos processos de alteridade”, como afirma Teixeira (2008).

5.2 PRISCILLA LEONNOR

Priscilla Leonnor é surda, graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Evangélica de Salvador (FACESA). Especialista em Libras, pela Faculdade Dom Pedro II (2013). Mestrado em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente é doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - PÓS-AFRO na UFBA. É professora de Libras na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde desenvolve Estudos das Relações Étnicas Raciais nos Diversos Âmbitos Sociais - ERERDAS. Tem como fundamento estudos culturais, relações étnico raciais, artes, mulheres pretas surdas, negritudes, Libras de forma interseccional.

³ A poesia em vídeo em questão configura-se como um gênero multissemiótico, pois está em sua composicionalidade explorando várias linguagens (modos e semioses). Isso significa que pela materialidade ser um vídeo tem a possibilidade de ser um gênero que combina diferentes modalidades, tais como as linguagens verbal (oral e escrita), visual, sonora, corporal e digital.



Imagem 11: Print da entrevista com Priscilla Leonnor (produzindo o sinal LIBERDADE)

Fonte: Entrevista de Machado (2023b)

Conforme depoimento na entrevista, Priscilla se inspirou no Slam de mulheres ouvintes, inicialmente. Participou de vários eventos, mediados por intérprete de Libras-português, até que se aproximou-se de Slams de surdos e outros eventos culturais, passando a criar suas próprias poesias.

Priscilla: “A mulher negra e surda tem três identidades. Imagina uma outra pessoa é mulher negra, surda e mãe; ainda por cima mãe vai acrescentando mulher negra, surda e lésbica e mais e mais e outras identidades precisa mostrar as referências disso como, por exemplo, eu. Eu mostro a minha poesia tudo isso diariamente, eu tenho amor-próprio, aceito minha identidade e mostro isso.

Fernanda: Muito legal! legal gostei amor-próprio é a melhor coisa do mundo.
(Entrevista – Tempo de início 22’20”)

Assim, o termo feminismo vai se reconfigurando em grupos com identidades similares, na singularidade de cada grupo e subgrupo. Como mencionado por Priscilla a poesia toca e motiva novas criações tematizando problemas sociais específicos para as mulheres surdas, mães, negras, lésbicas, periféricas, analfabetas, economicamente pouco favorecidas, violentadas e entre tantas outras características que podem permear a constituição social de uma mulher. Na entrevista, Fernanda ainda pergunta sobre esses grupos feministas.

Fernanda: Você acha que a sua poesia pode ajudar o movimento feminista? o movimento feminista surdo? O movimento feminista negro? Como?

Priscilla: Sim a poesia pode ajudar nesses movimentos sim. Eu acredito que sim ajuda quando para o grupo do movimento dos ouvintes é adicionada a dublagem e a legendagem [ao vídeo em Libras]. Para o grupo feminista surdo não precisa de legenda ou dublagem, então, só a língua de sinais já dá conta por ser visual né? E essa sensibilidade pro negro surdo é igual, é igual já que também é através da Libras. Penso que quando o ouvinte olha de fora do que ele conhece, ele pode ver perspectivas diferentes também, mas ele precisa entender o que os poemas estão dizendo e entender que o surdo também é capaz disso tudo. É importante entender também que às vezes pode ser difícil ter o intérprete, precisa pagar também. É difícil encontrar voluntários, então, depende da situação consegue-se ajuda sim. Mas, às vezes, eu entrego o vídeo e o problema é que a pessoa demora para fazer a tradução [...]. Mas é importante entregar essas obras artísticas para toda a sociedade ver. Dependendo das pessoas, eu não quero ser dependente dos outros. Então, às vezes eu faço um trabalho, tenho até vontade de colocar legendas ou voz, mas sem um tradutor ou intérprete, penso: Deixa assim mesmo, a poesia é pra comunidade surda! Aí os ouvintes vêm me chamar pra perguntar sobre o que fala minha poesia, isso é importante porque uma parcela do grupo de ouvintes quer saber. Às vezes eu nem espero, mas que bom isso, de terem essa atitude, de me chamarem. Muito bom, mostra a curiosidade. Enfim, por isso que eu coloco legenda, mas às vezes acontece isso e eu amo quando o poema faz refletir, o público vê o poema e reflete. [...]. (Entrevista – Tempo de início 19’34”)

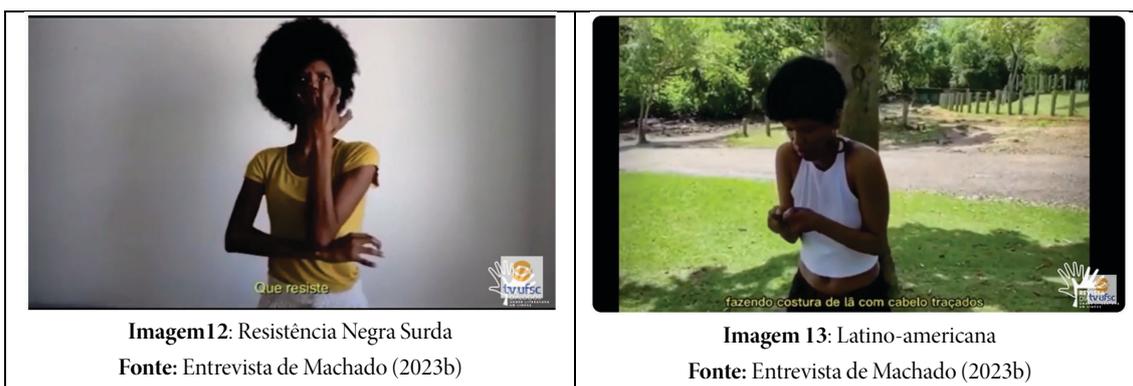
Priscilla, ao responder, toca no importante papel da tradução de poesia. A tradução seja pela legendagem em português sobreposta no vídeo ou por inserção da fala em português no vídeo, dito de outro modo, pela coexistência das duas línguas apresentadas de forma simultânea no vídeo, possibilita que a produção surda seja compreendida pelos ouvintes, ganha outra visibilidade e reflete toda a potência de produção dessas poetisas do corpo.

Existe uma grande dificuldade na sociedade ouvinte de entender o modo de viver e de sentir das pessoas surdas, pois o modelo que ele conhece é o modelo de uma cultura ouvinte que se autoneomeou como normal. Na verdade, não é só falta de conhecimento, mas de aceitação por uma sociedade estereotipada que busca a hegemonia cultural (Desiderio, 2020, p. 68-69).

Priscilla indica em seu discurso que produz suas poesias tendo como interlocutoras presumidas mulheres surdas, principalmente, contribuindo com a informação sobre história, cultura e ancestralidade de mulheres negras. Todavia, sua poesia é acessada pelos ouvintes pela legendagem. Não se trata de nomear os sinais produzidos, mas de uma tradução poética que requer um trabalho profissional, comenta.

Para Campos (2010, p. 60), entre os textos artísticos mais difíceis de se traduzir, costuma-se apontar para os poéticos: “Há quem diga que poemas só devem, ou só podem, ser traduzidos por poetas”, pois o tradutor precisa também saber a técnica de versejar (fazer versos) para dar o tom à poesia. Concordamos que a tradução de poesia requer uma formação específica e competência técnica além da sensibilidade que esse gênero requer. Albres (2020b) indica que a produção de tradução de poesias de Libras para português ainda é incipiente e tem se consolidado a partir de projetos de tradução comentada, que contribuem não só com a produção da tradução, mas também com a reflexão sobre a própria tradução. Para a autora, as traduções comentadas têm como objetivo “discutir os aspectos teóricos e práticos mobilizados na produção de tradução comentada de textos do gênero poético, com ênfase nas discussões das abordagens adotadas e nos aspectos epistemológicos envolvidos na tradução” (Albres, 2020a, p. 72).

As duas poesias apresentadas na entrevista “Resistência Negra Surda” (Imagem 11) e “Latino-americana” (Imagem 12) são legendadas. Nas duas poesias há elementos da ancestralidade negra, da cultura da África e do fazer feminino nessas culturas. A imagem trata da mulher negra de um ponto positivo, da sua beleza, força e garra. Enaltece a historicidade e a ação das mulheres.



Priscilla conta na entrevista que constrói uma poesia improvisada, a partir de algumas anotações de ideias prévias, cria e deixa fluir toda a sua inspiração para produção em Libras no momento da gravação. Na centralidade estão as mulheres negras e surdas e a experiência das personagens negras femininas está articulada, literariamente, com a representação da dinâmica das relações de poder com as quais elas travam uma luta, geralmente, apontando para um fazer de tarefas manuais.

Cabe ressaltar que há também uma produção de autoria feminina sobre esse tema no século XXI, que, de certo modo, foi relegada a um segundo plano, e que, mais recentemente, graças à crítica literária feminista e aos estudos que envolvem interseccionalidades, têm ganhado visibilidade e se tornado cerne de pesquisas acadêmicas.

As poesias de Priscilla denunciam a diferença de classe social, econômicas, raciais, sexuais etc. A sua poética é alinhavada pela politização da cultura, do acesso aos bens culturais, à educação e as informações em Libras porque fazem do espaço da literatura em Libras um terreno de contestação sobre as condições históricas, materiais de vidas surdas negras. Há um tom histórico e filosófico pela busca da ancestralidade que muitos surdos pouco conhecem. Priscilla é responsável por contribuir com um horizonte do político feminista e racial na literatura em Libras.

5.3 RENATA FREITAS

Renata Freitas é surda, formada em Letras-Libras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especializada em Libras: Docência e Tradução. Atualmente é professora da UFC e ministra aulas de literatura em Libras e oficinas de poesia em Libras. Renata Freitas tem uma vasta produção de poesia em Libras. Ela tem um canal Instagram (renata_freitas_libras) em que compartilha algumas de suas produções, abordando diferentes temas, mas na centralidade está o ser feminino.



Imagem 16: Print da entrevista com Renata Freitas (produzindo o sinal POESIA)

Fonte: Entrevista de Machado (2023c)

Uma das perguntas realizadas na entrevista com a Renata está transcrita a seguir:

Fernanda Machado: Os dois poemas o “Espelho” e “Quando o sangue vai parar jorrar?”... Nossa os dois tem uma representatividade feminina muito importante porque os dois mostram o feminino. Mas, será que um homem conseguiria apresentar esses poemas ou não? Ou é só o corpo da mulher que combina com esse tipo de poema? O que que você acha?

Renata Freitas: Entendi bem. Depende, mas um homem poeta que aborda a temática feminina como uma homenagem a mulher, falar sobre temas como história de uma mulher okay. Mas como vai usar por exemplo a incorporação de uma mulher grávida? O crescimento da barriga? A experiência feminina é muito diferente porque eu mesma expesso minhas próprias experiências. Tudo o que conecto é com a minha experiência de mulher. Então, um homem tem uma experiência que ele não tem, é bem diferente. Eu penso que é importante as mulheres se apoiarem expressarem sobre o nosso corpo, a nossas características e a nossa identidade feminista. (Entrevista – Tempo de início 13’51”)

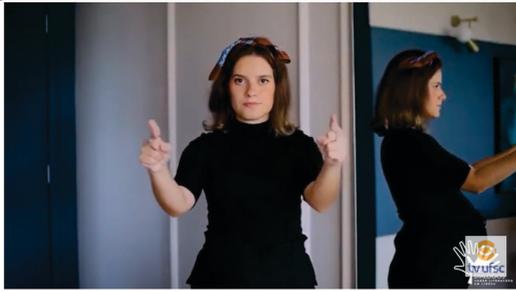


Imagem 14: Espelho

Fonte: Entrevista de Machado (2023c)



Imagem 15: Quando o sangue vai parar de jorrar?

Fonte: Entrevista de Machado (2023c)

Renata constrói um artefato poético multissemiótico, pelas escolhas de cenas, espaços físicos, objetos manuseados, vestuários e na centralidade está a Libras estética. Ao mesmo tempo de suave beleza, sua poesia é trágica. Expõe os julgamentos morais e sociais patriarcais em sua obra. Na entrevista concedida à revista Diálogos, ela apresenta duas poesias: “O espelho” (imagem 13) e “Quando o sangue vai parar de jorrar?” (imagem 14).

Na poesia “O espelho” (imagem 13), Renata constrói sua crítica às pressões pelas quais mulheres surdas e mães passam. Nessa poesia, ela está grávida e com a barriga em destaque, considerando a roupa preta colada ao corpo e projetada também no espelho, o que duplica a imagem e proporciona uma evidência à mulher-mãe-grávida. Nessa poesia, enfatiza o culto ao corpo belo, a gravidez por si só, em nossa sociedade, tem a marca de “estragar o corpo da mulher”, considerando o ganho de peso, a flacidez da pele, que porventura pode ocasionar o aparecimento de estrias e as alterações hormonais desse período.

Na poesia “Quando o sangue vai parar de jorrar?” (Imagem 15) sua vestimenta é de uma artista, usando um macacão jeans e um lenço que cobre os seios. Ela manuseia um pincel e tem a sua frente uma tela em branco. A poesia troca cenas em que ela manipula o pincel e tinge na tela com a tinta em referência às agressões sofridas pelas mulheres, concomitante a isso há cenas em que em Libras ela expressa a brutalidade de uma agressão a uma mulher e o sangue que escorre. Ela expõe a violência, socos, hematomas e sangue.

A violência contra a mulher é um fenômeno antigo, que foi silenciado ao longo da história. Entretanto, há aproximadamente 20 anos, o tema tem atraído o interesse tanto na esfera acadêmica, já que este é objeto atual de debates entre intelectuais, quanto na esfera cultural, na medida em que se constitui uma fonte de preocupação para a sociedade como um todo.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência contra a mulher no âmbito doméstico tem sido documentada em todos os países e ambientes socioeconômicos e as evidências existentes indicam que seu alcance é muito maior do que se conjecturava (WHO/OMS, 2013). Ainda segundo a OMS (2013), a violência de gênero afeta 35% da população mundial e deve ser considerada uma questão de saúde pública global.

Na atualidade podemos considerar três tipos de produções literárias visuais. A primeira está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários escritos; a segunda é fruto de adaptações dos textos clássicos a realidade dos Surdos e por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura Surda que é a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos (Porto; Peixoto, 2011, p. 168, 169).

As poesias aqui apresentadas produzidas pelas poetisas surdas são criações genuinamente de literatura surda em Libras, são criadas a partir de um problema social, lançadas para provocar reflexão, provocar a indignação, para provocar até uma certa angústia ao abordar temas tão sensíveis como a pedofilia, a violência sexual contra crianças e adolescentes, a violência contra a mulher, as desigualdades sociais e linguísticas sofridas por mulheres surdas; motivadas pelo desejo de uma transformação da realidade que vivemos. Nesse sentido, concordamos que a literatura e a poesia produzida por mulheres também é uma literatura de resistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando ao objetivo traçado neste estudo, construímos um panorama das produções de literatura surda feminina e as representações da mulher nessa literatura, as reivindicações e problemas sociais que reverberam a partir de três mulheres surdas referência na Literatura em Libras. Dessa forma, é importante refletir sobre a natureza feminina e as formas de violência sofridas pelas mulheres surdas em específico. Outro ponto destacado nos discursos está a ascensão da poesia surda feminista a partir da participação e influência dos Slams.

Em primeiro, constatamos que os discursos das poetisas provenientes das entrevistas, citando as suas obras, levam à reflexão sobre a questão da subalternidade feminina no seio social e implicam pensar a forma como as mulheres são perseguidas, vulneráveis, discriminadas, desinformadas no meio em que vivem, levando em consideração a sua condição de ser outro ou diferente daquele perfil idealizado que vem sendo imposto ao longo dos anos, destacando três pontos: a surdez (pela discriminação linguística e capacitismo), a estética do corpo feminino (padrão de feminilidade e beleza imposto socialmente) e o abuso (pelo preconceito racial e machismo).

Sobre isso, a artista Renata de Freitas destaca as imposições estéticas de beleza, de culto ao corpo e de imposição social para a realização de procedimentos cirúrgicos, o que, por muitas vezes não alcançados acarretam baixa autoestima, ansiedade e depressão. Esse é um tipo de violência implícita em nossa sociedade que atinge também as mulheres surdas.

Em muitas das poesias de Cristiane Esteves, a autora remete à experiência, identidade e memória. Remete a um jogo paradoxal que problematiza a vida real e tensiona para a mudança, na medida em que a experiência pessoal e social estão fortemente entrelaçadas com o anseio pela liberdade das mulheres.

Priscilla Leonnor segue uma temática e arquitetônica estética de uma poesia mais livre, quase narrativa, que explora a espacialidade e visualidade da língua de forma intuitiva, como conta em sua entrevista, seguindo poucos roteiros e planejamento rigoroso de rimas. Na temática emergem as questões raciais, de ancestralidade e valorização das mulheres.

É na esfera linguístico-discursiva que constatamos a produção do gênero poesia, e cada poetisa desenvolve efeitos estéticos manuais, corporais singulares. Quando os apreciadores dessa arte assistem as performances podem construir sentidos diversos, mas estão alinhadas à temática da mulher surda e da luta pela igualdade de gênero. Pensar a arte e seus diferentes efeitos de sentido, para diferentes públicos, interlocutores surdos e ouvintes, conhecedores ou desconhecedores da Libras, implica refletir sobre o complexo processo de leitura da poesia. Nas entrevistas, fica evidente esse ponto quando Fernanda Machado, no papel de entrevistadora, questiona o uso de algum sinal, ou expressão que por vezes só é acessado a partir da explicação da poetisa, explicitando a sua intencionalidade com a poesia. Dessa forma, evidenciamos que o sentido de um discurso é construído a partir da subjetividade de cada interlocutor, assim como a análise proposta neste trabalho também é particular, sendo o discurso passível de diferentes leituras.

Por fim, pode-se afirmar a importância da obra poética de poetisas surdas para o enriquecimento dos estudos sobre as mulheres, a representação do corpo feminino e a violência contra as mulheres surdas por meio do olhar da mulher poeta inserida em um contexto social pautado pelo patriarcalismo e pelo machismo, buscando provocar com as suas obras (poesias) inquietações acerca do tratamento destinado pela sociedade brasileira aos corpos femininos, a partir de sua condição de alteridade.

O conhecimento sobre a poesia feminista surda está em ascensão, é um campo que pode ser explorado pela análise estética da poesia em uma perspectiva linguística e discursiva, pela aplicabilidade da poesia em educação sobre sexualidade para jovens surdos; e pela produção de traduções comentadas, ampliando o conhecimento no campo dos Estudos da Tradução, portanto, são necessárias cada vez mais pesquisas nessa temática e esfera discursiva.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Vânia de Aquino Albres Santiago pela tradução do resumo para a língua espanhola, pela leitura prévia do texto e comentários. Agradecemos a Fernando Viegas Fernandes pela tradução do resumo para a língua inglesa.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. A orientação sociológica para a análise da língua :posições metodológicas nos escritos do círculo de BAKHTIN. *Letra magna*, ano 12, n.19, 2016. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/156/208>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ALBRES, N. A. “O voo sobre o rio” da poetisa surda Fernanda Machado. *Porto Das Letras*, 6(6), 2021. Pp.328-352. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/.../portoda.../article/view/9774> Acesso em: 01 mar. 2023.

ALBRES, N. A. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. *Revista Araticum*. v. 21 n. 01, 2020a. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2739/2696?fbclid=IwAR1OhAc1h4DOqL4y23-5udfchXErBvYKiThbvukOKbUG2SnaYbiC4xvaqng>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ALBRES, N. A. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. *Revista Linguística*; v. 16; n. 3; 2020b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672> . Acesso em: 01 mar. 2023.

ARAÚJO, M. A.; *et al.* Capacitismo materno de mulheres surdas: tradução, interpretação e direito linguístico com base na narrativa autoetnográfica. In: SANTOS, S. A.; RODRIGUES, C. H. (org.). *Traduções, culturas e comunidades: singularidades e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 171-198.

ARROJO, R. Feminist, "Orgasmic" Theories of Translation and Their Contradictions. *Tradterm*, São Paulo, Brasil, v. 2, p. 67-75, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49916>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ARTREF. Qual a diferença entre Feminismo e Femismo? O femismo é um assunto controverso que merece atenção e discussão. Por Joy de Paula - março 8, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/feminismo/qual-a-diferenca-entre-feminismo-e-femismo/> Acesso em: 13 ago. 2024.

ATKINSON, P.; HAMMERSLEY, M. Ethnography and participant observation. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* Sage Publications, Inc. 1994. p. 248–261.

BAKHTIN, M. M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. Tradutor: Paulo Bezzer. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003 [1923]. p. 3-90.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

BRASIL. Lei n. 11.340. *Lei Maria da Penha*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em: 13 ago. 2024.

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p.31-48.

CHIARINI, A. M.; et al. *Raízes feministas em tradução*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. (Coleção raízes feministas em tradução; n.1)

DANTAS, L. A. *Poetry slam: uma experiência com a linguagem poética e seus vínculos com a cultura e a vida*. 2019. 271 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24380> Acesso em: 01 mar. 2023.

DESIDERIO, T. F. de F.; JARDIM, A. F. C. Poesia slam surda: uma literatura de resistência. NES. *Revista Espaço*. Rio de Janeiro. nº 56. jul-dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1663/1630>. Acesso em: 01 mar. 2023.

DESIDERIO, T. F. de F. *Slam do corpo* [manuscrito]: marginalidade e diferença – uma literatura menor. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL. Montes Claros, 2020. 130 f. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/05/Slam-do-corpo-Marginalidade-e-diferen%C3%A7a-Uma-literatura-menor.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ESQUINA CULTURAL. Evento promove o 1º Slam para surdos e ouvintes do Brasil https://esquinacultural.files.wordpress.com/2014/06/slam_valeeste.jpg. Acesso em: 01 mar. 2023.

FONSECA, L. C.; et al. Perspectivas latino-americanas sobre tradução, feminismos e gênero. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 01-09, 2022. e-ISSN: 2316-6614. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/44951>. Acesso em: 15 mai. 2023.

HUTCHEON, L. *Poética Do Pós-modernismo: História, Teoria, Ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Imago, 1991.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Fernanda. Entrevista com Cristiane Esteves. *Revista Diálogos em Libras*. Centro de Comunicação e Expressão (CCE). 2023a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xCtrzpIt64> Acesso em: 13 ago. 2024.

MACHADO, Fernanda. Entrevista com Priscilla Leonor. *Revista Diálogos em Libras*. Centro de Comunicação e Expressão (CCE). 2023b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZJLZsx7l8zW> Acesso em: 13 ago. 2024.

MACHADO, Fernanda. Entrevista com Renata Freitas. *Revista Diálogos em Libras*. Centro de Comunicação e Expressão (CCE). 2023c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PWgTEfnae1A&t=2s> Acesso em: 13 ago. 2024.

MEDINA, C. de A. *Entrevista: o diálogo possível*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

OITAVO SLAM CONTRATAQUE - Resistência Feminista. Poesia Sinalizada de Resistência Surda, Negra e Feminista de Gabriela Grigolom Silva. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?ref=embed_video&v=2133651183536108 Acesso em 13 ago. 2024.

PAULA, J. de. Qual a diferença entre Feminismo e Femismo? Art/ref.- março, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/feminismo/qual-a-diferenca-entre-feminismo-e-femismo/> Acesso em: 01 mar. 2023.

PORTO, S.; PEIXOTO, J. *Literatura Visual*. 2011. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/literatura_visual_1330351986.pdf. Acesso em: 25 de jun. 2020.

RENATA FREITAS LIMA. Fortaleza. 18 dez. 2020. Instagram: @renata_freitas_libras. Disponível em: https://www.instagram.com/renata_freitas_libras/ Acesso em: 13 ago. 2024.

ROMÃO, L. *Dez anos de slam no Brasil: uma conversa com Luiza Romão sobre literatura e feminismo*. [Entrevista concedida a] Mayara Paixão. Brasil de Fato, São Paulo, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/dezanos-de-slam-no-brasil-uma-conversa-com-luiza-romao-sobre-literatura-e-feminismo/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SCHMIDT, S. P. Sobre tradição, tradução, silêncio e transgressão. In: CHIARINI, Ana Maria; GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine; [et al.] *Raízes feministas em tradução*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. (Coleção raízes feministas em tradução; n.1)

SOBRAL, A. U.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 18, p. 307-322, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180203-9317>. Acesso em: 05 out. 2021

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*. Uberlândia, vol. 10, n.3, jul./set. 2016. p. 1076-1094. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 14 ag. 2023.

SUTTON-SPENCE, R. Literatura surda feita por mulheres. In: SILVA, A. et al. *Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. p 140-164. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1CTQdRFx305Al5oFvy95PqgZjUSDGSrMB> Acesso em: 14 ag. 2023.

SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em libras*. Tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. -- Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

TEIXEIRA, N. C. R. B. A escrita de autoria feminina no Paraná: Greta Benitez e a alquimia das letras. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 32, p. 77-101, jul./dez. 2008. <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9569>. Acesso em: 14 ago. 2023.

THE HEART OF THE HYDROGEN JUKEBOX. Produção de National Technical Institute For The Deaf At Rochester Institute Of Technology. 2016. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Wvd836gjZ4>. Acesso em: 20 maio 2024

TV UFSC. Canal Aberto 63.1. Canal 15 da Claro TV. Grande Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://tv.ufsc.br/ao-vivo/> Acesso em: 14 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *A antologia em Libras*. Coleção Corpus Libras - Literatura em Libras. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172841> Acesso em: 14 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (Santa Catarina) (ed.). *TV UFSC transmite episódios da revista 'Diálogos em Libras' do Departamento de Libras*. 2022. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2022/09/tv-ufsc-transmite-episodios-da-revista-dialogos-em-libras-produzidos-pelo-departamento-de-libras/>. Acesso em: 20 maio 2024.

URÂNIA, M. 1º Slam Resistência Surda: entrevista com Gabriela Grigolom Silva, poetisa e organizadora. 24 de maio de 2018. COLUNA Zero Pila. *Jornal Escotilha: cultura, diálogo e informação*. In: <https://escotilha.com.br/colunas/zero-pila/1o-slam-resistencia-surda-entrevista-gabriela-grigolom-silva/> Acesso em: 14 ago. 2023.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and nonpartner sexual violence*. Organização Mundial Da Saúde. Sobre violência contra a mulher., 2013. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf Acesso em: 9 set. 2023.



Recebido em 31/08/2023. Aceito em 24/03/2024.